

REVISTA
DA
ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Diretor: José Valdivino de Carvalho

ANO LXXV

FORTALEZA—1971

Nº. 35

**UM POETA IDENTIFICADO
COM A MORTE**

Eduardo Campos

«Quão diferente o meu Antônio de Castro Alves!» Esse «meu Antônio de Castro Alves», ajuizamento afetivo de Agripino Grieco, explica tudo. Lê-se Castro Alves, uma vez, e logo nos apossamos dele para toda a vida! Não é poeta de uma época, mas do sempre, do eterno. Tem-se tudo nele, desde o amor ao Amor até a amarga compreensão de seu próprio infortúnio. É a crença sem cerimônia, porque estuante de jovialidade, que o faz, mesmo diante do desafio da morte, menestrel que nos ensina o donjuanismo arrebatado às últimas consequências, indo de um amor a outro, como deseja no exercício de sua poesia, tendo-o, à farta, em verso diferente, capitoso, constante.

Mário de Andrade reconhece a vivacidade, a loquacidade do poeta de «Espumas Flutuantes». Tem-no por admiravelmente inventivo e imaginoso, mas lamenta que «não nos deixa a menor promessa, porque lhe faltam por igual a paciência, a profundidade e o amor de se cultivar».

Diante da morte pressentida, quem se poderá conter? O extraordinário poeta, que ouvia uma voz anunciar-lhe «um futuro radiante» nome escrito no «Pantheon da história», escutava também, de igual modo, o tom cruel de seu destino:

«— Teu Pantheon — a pedra mortuária».

A ânsia de viver, e, possivelmente, de servir, fê-lo primoroso no exercício poético da descrição certa, palatável. Primoroso e transbordante, mas com tal expressividade, que as palavras se acasalam e só um exame crítico, punitivo, mais a vagar, poderá eleger o que destoa. Nem sempre a palavra é

feliz, apropriada ao verso. Nenhuma novidade êsse comentário que na apresentação de «Espumas Flutuantes» (edição comentada da Garnier, impressa na França), o poeta Alberto Cliveira refere judiciosamente: «Não vamos reparar na frouxidão de alguns versos ou no às vêzes demasiado matiz das rimas e até em algumas que não o são. O apuro destas cousas veio mais tarde. Tão pouco lhe estranhemos a falta de ordem e conexão em várias estrofes, as extravagâncias da hiperbole, o abuso da antítese. Ele tinha vinte anos ou pouco mais».

Ninguém mais do que êle, em circunstâncias tão insólita, pôde expor em versos, em confronto corajoso, mas sofrido, mocidade e morte. Aquêlo que num momento quer viver, beber perfumes na flor silvestre que embalsama os ares, é o mesmo que diz:

«Ê eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida».

Diz-se triste nos versos de «A Volta da Primavera», mas o revoltado não se instala nêle. Mesmo nos instantes em que viu passar «triste a ventania como um verbo de desgraça», fêz-se apaixonado em se perceber logrado:

«Estrêla — na tempestade
Rosa — nos êrmos da vida
Ires — do naufrago errante,
Ilusão — d'alma descrida;
Tu fôste, mulher formosa!

Tu fôste, ó filha do céu!...
E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte,
Pergunto aos ventos do norte:
— Oh! minh'amante, onde estais?...»

Mas a angústia, a preciência do inevitável, acode o poeta. Um ano antes de morrer, em Currallinho, sente-se metido numa rotunda de sombras. Dessa época, oferecidos ao padre Francisco de Paula, são os versos de «Pelas Sombras»:

«Enquanto que eu tropeço... um grito ao longe rola...
— Quem foi? perguntam rindo as solidões marinhas.
Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante.
A treva me assoberba... Ó Deus! Dá-me um clarão!»
Serão de Currallinho os versos doloridos do poema «Fatalidade»? Nestes, se pergunta outra vez: «Quem mostra

o trilho ao viajor nas sombras?»

O poeta quer saber « quem ergue o morto que esfriou no pó»; e adiante responde, desalentado, porém com aquela mesma altivez que o fêz cavalgar os mais audazes sonhos de amor:

«Ninguém! Na terra tudo vai.. gravita.

Lá para o pontq que lhe marca Deus.

Os raios tombam, as estrelas sobem!

Lutar com a sorte — é combater os céus!»

Essa tristeza — quem escreve é José Gonçalves de Medeiros, «êste presságio de morte», espécie de «vontade da doença» como já definiram o byronismo, não abateu em Castro Alves o grande aventureiro. Ele retorna ao amor, inspirado em Cândida Campos, mesmo submisso ao leito de mutiãdo — ainda no dizer de José Gonçalves de Medeiros.

Castro Alves, não obstante os óbices de um final de vida antes de tempo, foi sempre amante incorrigível. Para dizer que faltava ao amor de Castro Alves «mais um sentido de profundidade que provàvelmente um amor singelo e preocupante estivesse em condições de proporcionar», escreveu com bastante propriedade.